

EXPERIÊNCIA-VIVÊNCIA DILTHEY E AS HUMANIDADES: UM OLHAR RETROSPECTIVO*

Fernando Clara

A partir do momento em que os métodos das Ciências Naturais e a dimensão da percepção fossem excluídos das Ciências Humanas, estariam criadas as condições para que, na opinião de Dilthey, toda e qualquer forma de interpretação – e sobretudo a interpretação literária e psicológica – pudesse em última análise pôr a descoberto [...] a imediatez da vivência. [...] O preço que as Ciências Humanas tiveram de pagar por este passo está à vista: foi a perda de toda e qualquer forma não-cartesiana de referência ao Mundo, de toda e qualquer forma de relação com o Mundo que não fosse baseada na experiência.

Sobald die Methoden der Naturwissenschaft und die Dimension der Wahrnehmung aus den Geisteswissenschaften ausgeschlossen wären, würde nach Diltheys Überzeugung jede Form der Interpretation – und vor allem die literarische und die psychologische Interpretation – letzten Endes die [...] Unmittelbarkeit des Erlebens freilegen. [...] Der Preis, den die Geisteswissenschaften für diesen Schritt bezahlen mußten, war offenkundig: Es war der Verlust jeder nichtcartesianischen, jeder nicht auf Erfahrung basierenden Form des Weltbezugs.

(Gumbrecht 2004: 61-62)

* Estas páginas procuram dar continuidade a uma tentativa de reflexão sobre a situação actual das Ciências Sociais e Humanas que se materializou numa comunicação apresentada em Maio de 2000 ao Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos, um Congresso realizado aliás na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e que se subordinava já, então, a um tema que apresenta óbvios pontos de contacto com aquele que foi proposto para estes XI Encontros Interdisciplinares: tratava-se de reflectir sobre a *Experiência* e a *Forma* (*Erfahrung und Form*), no quadro das Humanidades, e a comunicação, publicada em língua alemã no volume onde ficaram reunidas as actas desse Congresso, intitulava-se «Paradigmas, Parasitas, Híbridos e Clones. Ciência e Interdisciplinaridade» (cf. Clara 2001).

1. Cisões, Rupturas, Exclusões

Não é frequente, no âmbito das Humanidades, levantarem-se as questões que o excerto em epígrafe coloca. Seja por pudor em relação à materialidade das suas eventuais dívidas – «o preço que as Ciências Humanas tiveram de pagar» –, seja por pudor em relação ao nome e à figura, normalmente considerados incontornáveis e impolutos, do seu fundador – Dilthey –, facto é que as Ciências Humanas, pesem embora as variadas e sucessivas «crises», raramente se viram postas em causa nos seus fundamentos como aqui parece suceder.

Note-se que no passo acima citado as certezas e os princípios fundacionais se designam agora de «opinião», «convencimento» [*Überzeugung*], sendo ainda implicitamente atribuídos ao fundador erros e falhas, pelos quais se admite um prejuízo, uma «perda» [*Verlust*], uma deficiência ou, enfim, um défice que tem marcado toda a história das Humanidades, até à actualidade.

Estarão as Humanidades ‘fora do mundo’? Ter-se-ão colocado, com Dilthey, fora do mundo da percepção e das Ciências Naturais, e fora também, por outro lado, de uma qualquer relação com o mundo que não seja experiencial? Justamente as Humanidades, para as quais os mundos ficcionados, não-experienciais e não-experimentados constituem um importante e tradicional objecto de estudo? Viverão as Ciências Humanas, ainda, no espartilho imposto pelos rigores dicotómicos do mundo cartesiano? Qual é, como é o lugar das Ciências Humanas no quadro dos saberes?

Estas são, genericamente, as questões subjacentes ao excerto em epígrafe, questões essas para as quais a situação actual das Faculdades de Ciências Sociais e Humanas ou de Letras – conforme os respectivos paradigmas fundacionais – proporcionaria decerto motivos mais do que suficientes para uma reflexão aprofundada.

Não é entretanto esse o propósito imediato daquilo que aqui se ensaiará, embora não possa deixar de ser referido que a situação das Humanidades no contexto universitário e social da actualidade esteja em certa medida na origem destas reflexões e constitua, por outro lado, o pano de fundo sobre o qual elas inevitavelmente também se inscrevem; do que aqui se trata, será sim, de ensaiar um breve olhar retrospectivo sobre a fundamental cisão operada por Dilthey no contexto académico alemão de finais do século XIX, uma cisão que, como é sabido, rapidamente se haveria de expandir por todo o mundo ocidental conhecendo um ponto alto e de certo modo caricatural, em meados do século XX, com a tese das «duas culturas» de C. P. Snow (1993 [1959]).

Nesse sentido importa desde logo salientar que o projecto que Dilthey esboça em *Introdução às Ciências Sociais e Humanas* (Dilthey 1922 [1883]), e que se revelará determinante para estas áreas ao longo de mais de um século,

tem necessariamente de começar por ser entendido como um projecto de ruptura, i.e.: um projecto que é simultaneamente de *diferenciação* e de *exclusão*.

Ruptura, sobretudo e em primeiro lugar, em relação às tendências positivistas da historiografia da época; ruptura mais global, também, em relação às tendências cientificizantes que percorriam genericamente a sociedade e os saberes de finais do século XIX.

2. Dilthey e as Humanidades: da Experiência à Vivência

A causa próxima do ensaio de Dilthey é o discurso reitoral de boas vindas aos novos docentes da Universidade de Berlim proferido pelo físico Emil Du Bois-Reymond no dia 15 de Outubro de 1882. Intitulado «Goethe sem fim» [*Goethe und kein Ende*], o discurso é particularmente contundente com o nome maior da literatura alemã, nomeadamente porque este recusaria às Ciências Naturais o estatuto central, utilitário e funcional que a sociedade positivista de então tendencialmente lhes atribuía.¹

Registe-se, a título de exemplo da leitura a que no ensaio de Du Bois-Reymond se submete Goethe, a citação de um dos passos do *Fausto*, bem assim como o respectivo comentário (Du Bois-Reymond 1912a: 168):

Vós, instrumentos, vós troçais de mim;
Rodas dentadas, cilindros, alavanca.
Sois a chave do portão que não abri:
É sábio o mecanismo, mas não levanta a tranca.
No seu mistério não se desvela
A Natureza à luz do dia;
E o que ao teu espírito não revela,
Não lho arrancas com maquinaria.²

*Ihr Instrumente freilich spottet mein,
Mit Rad und Kämmen, Walz und Bügel:
Ich stand am Tor, ihr solltet Schlüssel sein;
Zwar euer Bart ist kraus, doch hebt ihr nicht die Riegel.
Geheimnisvoll am lichten Tag
Lässt sich Natur des Schleiers nicht berauben,
Und was sie deinem Geist nicht offenbaren mag,
Das zwingst du ihr nicht ab mit Hebeln und mit Schrauben.*

¹ Detalhes particularmente interessantes sobre o episódio, assim como sobre a passagem de Dilthey pela Universidade de Berlim, são proporcionados por Siegert (1999), entre outros.

² Tradução portuguesa de João Barrento (*Fausto*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999: 62).

O tom «prosaico» das observações que se lhe seguem é significativa e deliberadamente demolidor (*ibid.*: 168-169):

Fausto é muito injusto nas suas críticas. Instrumentos bem construídos e bem usados alargam o Saber e o Poder do Homem em termos do conhecimento da Natureza e são, para esse efeito, imprescindíveis [...]. Por muito prosaico que possa soar, não é menos verdade que Fausto, em vez de se passear pela Corte, esbanjar dinheiro falso [...], o melhor que tinha a fazer era casar com a Gretchen, legitimar o seu filho e inventar máquinas eléctricas e bombas de ar [...].

[...] *Faust hat sehr Unrecht mit seiner Klage. Richtig gebaute und gebrauchte Instrumente erweitern Kenntnis und Macht des Menschen innerhalb der Grenzen des Naturerkennens, und sind dazu unentbehrlich [...]. Wie prosaisch es klinge, es ist nicht minder wahr, daß Faust, statt an Hof zu gehen, ungedecktes Papiergeld auszugeben [...], besser getan hätte Gretchen zu heiraten, sein Kind ehrlich zu machen und Elektrisiermaschine und Luftpumpe zu erfinden [...].*

Nesta causa próxima percebe-se bem presente o contexto de ruptura e de conflito na época,³ um contexto que deixa antever uma realidade académica já claramente bicéfala, na qual as Ciências Naturais surgem alinhadas, de um lado, e as Humanidades (justamente prestes a serem reunidas e baptizadas de *Geisteswissenschaften* por Dilthey) do outro.

A *Introdução* de Dilthey, publicada apenas um ano depois do discurso de Du Bois-Reymond, procura então ser a obra *fundadora, legitimadora e diferenciadora* das Ciências Sociais e Humanas. E fá-lo, importa acrescentar, numa fase complexa da vida universitária: uma fase particularmente *tensa*, em face do bicefalismo acima aludido que claramente se desenha já no interior da universidade; uma fase, por outro lado, *adversa* (sobretudo para a área das Humanidades), já que a sua inserção ou legitimação no contexto social, positivista e utilitário da época se revelam problemáticas. Com efeito, como refere Pfeiffer (1994):

Dilthey [...] was torn between demands of practical utility, scientific pressure, the pathos of life [...], and the multifariousness of cultures. The modern state demanded utility; Dilthey tried to provide it, claiming, not implausibly, that, through the *Geisteswissenschaften*, the politician, the lawyer, the theologian, the teacher were put into a better position to locate their specialized concerns «in the comprehensive reality of human society».

³ Significativa é, a este título, a longa nota que Du Bois-Reymond faz publicar, vinte anos mais tarde, no volume II que colige os seus discursos e na qual se dão conta das inúmeras polémicas que este discurso então provocou (cf. Du Bois-Reymond 1912a: 180-182).

Ora os garantes dessa «utilidade prática» são, para a sociedade ocidental de finais do século XIX, a noção de «experiência» e, concomitantemente, as práticas, os resultados ou, enfim, os conhecimentos adquiridos através da aplicação sistemática do «método experimental», tal como tinha vindo a suceder no quadro das Ciências Naturais ao longo do século anterior.

Não surpreende por isso que Dilthey, depois de ter sublinhado no prefácio da sua obra que «toda a Ciência é Ciência Empírica» [*Erfahrungswissenschaft*] (Dilthey 1922: XVII), inicie os seus «fundamentos filosóficos das Ciências Sociais e Humanas» (*ibid.*: [XV]) justamente com uma referência a Francis Bacon (cf. *ibid.*: 3).

A *Introdução* não se diferencia a este título – nem de resto se podia diferenciar, se quisesse ser entendida – de inúmeros outros trabalhos da época. A este respeito, assinalem-se por exemplo a relevância que a entrada «experiência» tem na *História e Crítica dos Conceitos Fundamentais da Actualidade*, de Rudolf Eucken (1878), a qual abre com uma significativa epígrafe de Paracelso – «A Ciência é a mãe da Experiência e sem a Ciência nada existe» (Eucken 1878: 28) –, assim como a publicação em Leipzig, nos anos de 1888 e 1890, dos dois volumes que constituem a *Crítica da Experiência Pura*, da autoria de Richard Avenarius, da Universidade de Zurique.

É pois com Bacon e num ambiente claramente Kantiano,⁴ mas onde a «Crítica» da «Razão» parece dar agora lugar à «Crítica» da «Experiência», que se inauguram as Ciências Sociais e Humanas.

Curiosa mas significativamente as origens – Bacon e o próprio conceito de «experiência» – não são submetidas à «Crítica» (ou a uma metacrítica) na *Introdução às Ciências Sociais e Humanas*.⁵ Ao invés, Dilthey opta por dife-

⁴ Sublinhe-se aliás que na própria dedicatória da *Introdução às Ciências Humanas*, Dilthey regista a sua intenção inicial de chamar à obra *Crítica da Razão Histórica* (cf. Dilthey 1922: [IX]).

⁵ Valerá a pena recordar que Francis Bacon, no seu *Novum Organum* de 1620, submete a noção comum de «experiência» a uma crítica detalhada e meticulosa que se traduz em parágrafos aforísticos como o que a seguir parcialmente se transcreve (Bacon 1995 [1620]: 60 [§50]): «[...] by far the greatest impediment and aberration of the human understanding arises from the dulness and inadequacy and deception of the senses, in that those things which strike the sense outweigh things which, although they may be more important, do not strike it directly». É só depois de uma análise circunstanciada dos erros em que o conhecimento que tem origem na experiência comum, casuística e aleatória incorre, só depois, portanto, de uma reflexão aprofundada sobre os «fundamentos da experiência» que Bacon propõe aquilo que anteriormente designara como «a true method of interpreting Nature» (*ibid.*: 78 [§69]), um método baseado numa noção, por assim dizer, já técnica e específica de «experiência» (que o termo «experimentação» possivelmente traduziria melhor), a qual se pretende dirigida e orientada (*ibid.*: 109 [§100]): «For experience that is aimless and takes its own course is [...] a mere groping in the dark, stupefying men more than giving them information. But when experience proceeds in accordance with a definite rule, in due order and without interruption, we can hope for some improvement in knowledge». Sig-

reenciar a noção de «experiência», distinguindo nela uma «experiência interior» [*innere Erfahrung*], a qual haveria de se fixar terminologicamente como «vivência» [*Erlebnis*] nos seus escritos posteriores, e que constituiria a base do edifício epistemológico sobre o qual as Humanidades se erigiriam.⁶

Paralelamente desenvolveria uma outra e não menos importante zona de ruptura ou, talvez melhor, de diferenciação entre as Humanidades e as Ciências Naturais que tinha directamente a ver com a questão da temporalidade: os objectos de estudo das Humanidades inscrevem-se numa *temporalidade* caracteristicamente *humana, histórica*, e são sobretudo documentos do passado – i.e.: o objecto de estudo das Humanidades, como Dilthey sublinha em diversos passos da sua obra, é a «realidade *histórico-social*» –, enquanto que os objectos de estudo das Ciências Naturais estão fora desta temporalidade humana ou, se se preferir, são atemporais.

Esta *trans*-formação das Humanidades, este duplo deslocamento das Ciências Sociais e Humanas haveria de marcar estas áreas, para o melhor e para o pior, até pelo menos 1989.

3. Efeitos Colaterais: Ou o erro de Dilthey?

No «Século da História» e dos «nacionalismos», o impulso histórico(-nacional) que Dilthey re-imprimiu às Humanidades – e muito em particular às filologias nacionais – teve efeitos extraordinariamente positivos, mesmo no quadro de uma sociedade crescentemente utilitarista. Efeitos que, em todo o caso, subsistiram apenas até ao exacto momento em que no horizonte da «realidade histórico-social» se começaram a vislumbrar vários fins: o fim de uma certa forma de «História», bem como o fim de uma certa forma de «nacionalismo».

Não cabe aqui, no entanto, retomar as polémicas em torno das teses do *Fim da História* (Fukuyama), mas apenas reflectir sobre os efeitos colaterais, por assim dizer, que os acontecimentos subsequentes à queda do muro de Berlim produziram no quadro das Humanidades.

Nessa medida, importa desde logo sublinhar que a viragem histórico-política de 1989 esvaziou de sentido *utilitário* (leia-se: ideológico) as filo-

nificativamente, Dilthey não retoma na sua obra as observações críticas de Bacon, nem questiona a própria noção de «experiência». Esta última era e continuava a ser a «pedra de toque» da validação e legitimação do conhecimento (cf. Hunter 1990: 197 e segs.), tanto na área das Ciências Naturais, como, agora, na área das Humanidades.

⁶ Cf. Dilthey (1922: 8 e segs. e *passim*); sobre a noção de «vivência» vejam-se, entre muitos outros, Gadamer (1986 [1960]: 66 e segs. e 352 e segs.), Kutschera (1981: 132 e segs.), assim como o (mais recente) trabalho de Makkreel (2003); sobre a diferenciação das noções de «vivência» [*Erlebnis*], «experiência» [*Erfahrung*] e «percepção» [*Wahrnehmung*], operada por Dilthey, cf. entre outros Gumbrecht (2003: 121 e segs.).

logias nacionais e, ao fazê-lo, pôs a descoberto uma importante e fundamental zona de fragilidade destas áreas, a qual tinha servido a Dilthey de pilar primeiro da fundação das Humanidades: a noção de «vivência» ou de «experiência interior». Com efeito, na opção por aquilo a que poderíamos designar de «experiência diferenciada» descortinavam-se agora problemas e contradições que a enebriante (omni)presença da História e dos nacionalismos não tinha antes ou, pelo menos, não tinha até aí, deixado transparecer.⁷

Por um lado, a «experiência interior», despida já do seu utilitarismo ideológico-nacional, apresentava uma contiguidade que não podia deixar de se considerar perigosa, tanto em relação a um certo subjectivismo epistemológico, muito próximo do solipsismo, como em relação ao sempre temido relativismo científico. Dito de outro modo: os conhecimentos resultantes dessa «vivência» denotavam uma *singularidade* característica,⁸ dificilmente comensurável com a *universalidade* que continuava a legitimar os produtos dos saberes experienciais.

Por outro lado, ao circunscrever a experiência das Humanidades à «experiência interior», Dilthey estava a reduzir significativamente os temas, interesses, objectos de estudo, enfim, os territórios possíveis das Humanidades: a «experiência», o «método experimental» e, por conseguinte, as Ciências Naturais, a Técnica e a Tecnologia ficavam de fora, viam-se claramente *excluídas*, não só da zona de interesses, como também dos campos de observação e reflexão das Ciências Humanas.

Ora estas importantes ausências indiciavam na realidade a existência de um gigantesco *ponto cego* na visão das Humanidades, para o qual, curiosamente, seriam as próprias Ciências Naturais a chamar a atenção. Thomas S. Kuhn (d)enuncia o problema de uma forma lapidar no início dos anos 70: «[...] the bomb has persuaded historians that they must take some account of the role of science» (Kuhn 1977 [1971]: 132).⁹

⁷ Se até 1989 a legitimação de algumas áreas das Humanidades passava inevitavelmente pela referência, mais tácita (é certo) do que explícita, a uma realidade histórico-social, política e ideológica também ela bicéfala (Leste/Oeste, Capitalismo/Comunismo etc.), após aquela data, e face ao esvaziamento (ou à radical transformação) que estas antinomias político-ideológicas conheceram, as Humanidades viram perder uma boa parte do seu sentido histórico e, consequentemente também, da sua legitimidade e utilidade sociais; cf. sensivelmente no mesmo sentido Barck (1996) e Aleksandrowicz (2002). O surgimento no espaço de língua alemã – o mesmo espaço onde se afirmaram as teses de Dilthey e onde, por outro lado, tiveram lugar os acontecimentos mais simbólico-emblemáticos de 1989 – de uma série de reflexões sobre as Ciências Sociais e Humanas (cf. Böhme e Mittelstrass, ambos significativamente de 1989, e Frühwald et al., 1996 [1991]) está assim longe de poder ser considerado uma mera coincidência.

⁸ Não por acaso, o objecto de estudo, por excelência, da «realidade histórico-social» seria, de acordo com Dilthey, a autobiografia.

⁹ Naturalmente que muitos outros antes dele também o fizeram. Em certo sentido, a reflexão

São naturalmente inúmeras e radicais as questões que esta observação suscita: as Ciências Naturais tinham entrado na História com a bomba? E as Humanidades tinham definitivamente saído dela em Agosto de 1945? Estarão as Humanidades ‘fora do Mundo’, fora da «realidade histórico-social» (para utilizar os termos de Dilthey) desde aquela data? Serão as Humanidades então «‘o que sobeja’» (Gil 1999), o que está a mais, uma excrescência do saber e tradição ocidentais que deixou de fazer qualquer sentido, excepto porventura de um ponto de vista museológico ou «fantasmagórico»?¹⁰

Por muita pertinência que a «realidade histórico-social» actual pareça emprestar a algumas destas interrogações, a verdade é que não pode deixar de se sublinhar que os dados a partir dos quais elas são lançadas estão *duplamente* viciados.

Estão viciados, por um lado, na medida em que nelas se assume tacitamente o princípio da bicefalia dos saberes: de um lado surgem as Humanidades, do outro as Ciências Naturais e áreas afins, como a Técnica e a Tecnologia. Note-se que esta bicefalia raramente se vê problematizada no âmbito de cada uma daquelas áreas e, no caso específico das Ciências Humanas, importa ainda registar que ela decorre directamente das teses de Dilthey. Sob este ponto de vista, o «preço que as Ciências Humanas tiveram de pagar» (para recuperar uma frase chave da epígrafe inicial), a perda de sentido das Humanidades que as questões acima levantadas afinal deixam adivinhar, é o resultado daquilo a que, por analogia com uma bem conhecida

científico-pedagógica patente na conhecida obra de Snow (1993 [1959]), a que já no início se fez referência, é toda ela motivada por esta questão; o mesmo se diria, por exemplo, das reflexões de ordem ética e estética deixadas pelo biólogo suíço Adolf Portmann (1973 [1949]). A II Guerra Mundial, e sobretudo o modo como ela terminou, constitui a este título um ponto de viragem crucial nos equilíbrios até então existentes entre as Ciências Humanas e Naturais, a que nem sempre tem sido dada a devida atenção.

¹⁰ Cf. Benedikter (2002), onde se levanta a questão do «fantasmagórico» – i.e.: da ausência de estudantes em diversas destas áreas – a partir de um jogo de palavras que só deficientemente se deixa reproduzir em língua portuguesa: *ter-se-ão* – é a hipótese provocatória que se coloca no início do ensaio – as Ciências Humanas [*Geisteswissenschaften*] transformado em Ciências de Espíritos (ou de Fantasmas) [*Geisterwissenschaften*]? A aparente actualidade destas questões não deve entretanto fazer esquecer que elas *não* são exactamente novas. Já o anteriormente citado Du Bois-Reymond (decerto entre muitos outros) as colocara no final do século XIX, num ensaio de teor fundamentalmente pedagógico, o qual constitui na realidade a apologia de uma reforma do ensino secundário alemão da época que envolvia uma viragem decisiva e clara daquele tipo de ensino para a esfera das Ciências Naturais e da Técnica. Significativamente o ensaio retoma no título – «História da Cultura e Ciências Naturais» [*Kulturgeschichte und Naturwissenschaft*] – a bicefalia epistemológica e termina com um lema ou palavra de ordem, cuja actualidade parece dispensar quaisquer comentários (Du Bois-Reymond 1912b: 620): «Hipérboles! Nem mais um *scriptum* grego!» [*Kegelschnitte! Kein grieschiches Skriptum mehr!*].

obra de divulgação científica da área da neurologia (Damásio 1995), se podia chamar *o erro de Dilthey*.

De facto, não deixará de se reconhecer que na persistência da opção pela dicotomia, pela diferenciação *dual*, assim como na bicefalia epistemológica daí resultante, Dilthey replica e reproduz, justamente, o «erro de Descartes».

Mas os dados a partir dos quais as questões são lançadas estão ainda viciados por outros motivos, e Dilthey tinha-o intuído já, ao afirmar na obra que tem vindo a ser referida que «a verdadeira sociedade não é um mecanismo, nem, como outros mais agradavelmente a imaginam, um organismo» [*Die wirkliche Gesellschaft ist weder ein Mechanismus noch, wie andere sie angenehmer vorstellen, ein Organismus*] (Dilthey 1922: 124).

A recusa deste género de metáforas, oriundas das Ciências Naturais, configura no essencial a recusa da *funcionalização* das Humanidades, funcionalização essa que no fundo se encontra subjacente a todas as interrogações acima enunciadas.

4. Funções

Esta *questão funcional* parece ser o traço mais persistente e visível da bicefalia dos saberes, dela resultando uma *menorização* das Ciências Humanas que tem marcado, científica e institucionalmente, a existência – leia-se, na verdade: a sobrevivência – destas áreas até à actualidade. Com efeito, como afirma Gumbrecht de uma forma intencionalmente provocatória já no final de um livro intitulado *O Poder da Filologia* (Gumbrecht 2003: 131-132),

As sociedades actuais podiam bem passar sem as ‘funções’ do nosso trabalho (tal como a vítima financeira que possibilita esse trabalho, através dos subsídios, podia passar bem sem ele).

Die heutigen Gesellschaften würden auch ohne die 'Funktionen' unserer Arbeit (und ohne das finanzielle Opfer der diese Arbeit ermöglichenden Subventionen) ohne weiteres überleben.

A persistência deste traço funcional não significa, entretanto, que este género de discurso metafórico possa ser considerado monocórdico. Ao contrário, existe nesta persistência discursiva uma diversidade e uma dinâmica dignas de nota, que só um olhar histórico, abrangente e simultaneamente distanciado, está em condições de poder revelar.

De facto, o discurso funcionalizante das Humanidades – e também o discurso funcionalizante das sociedades, sublinhe-se – tem vindo a fazer uso, desde finais do século XVIII, de uma assinalável variedade de metáforas: da mecânica, à biologia, passando pela física, pela química, pela astronomia (cf.

Blumenberg 1999 [1960]) ou mais recentemente pela informática e tecnologias afins, os modos de menorização das Humanidades e de funcionalização das sociedades têm produzido várias imagens que se fixam discursiva e (com propriedade se poderia dizer também) estereotipicamente na opinião pública de cada uma das épocas como verdades incontestáveis e incontornáveis, constituindo, enfim, pontos de referência do pensamento que resistem... ao próprio pensamento.

A variante mais recente deste discurso metafórico-funcionalizante, patente já na referência às «vítimas financeiras» do passo atrás citado de Gumbrecht (2003), não pode ser considerada exactamente inovadora neste contexto, mas é nessa medida também que acaba por se revelar exemplar da rigidez discursiva e racional inerente a este género de estruturas argumentativas. Como decerto se reconhecerá, desde finais do século XX que a lógica e as imagens do pensamento económico têm vindo a dominar muitas destas formas funcionalizantes de pensar. A nova metáfora do «mercado», nas suas mais diversas variações – «procura» / «oferta» (de cursos-produtos), «sustentabilidade» (de áreas ou departamentos), etc. –, é sobejamente conhecida de todos, integrou-se de tal modo no discurso quotidiano que se tornou já num daqueles pontos de referência do pensamento que resistem ao próprio pensamento, uma daquelas âncoras, enfim, que, como Dilthey refere na obra a que tem vindo a ser feita menção, afastam dos horizontes de percepção e compreensão humanos o abismo constituído pela «[...] *lei geral da relatividade* a que *as nossas experiências sobre a realidade exterior* estão sujeitas» [das *allgemeine Gesetz der Relativität*, unter welchem *unsere Erfahrungen über die äußere Wirklichkeit* stehen] (Dilthey 1922: 386, sublinhados no original).

5. Incluir

Ora é precisamente porque as Humanidades sempre se constituíram como um espaço de meta-reflexão sobre o mundo, a sociedade e os saberes, desde sempre tiveram como missão reflectir sobre os limites, as resistências, os abismos ou as contingências do pensamento humano que importa ainda aqui, no final, chamar a atenção para imagens e discursos alternativos, caminhos, em suma, que (1) permitam ultrapassar a *bicefalia epistemológica* a que acima se aludiu, que (2) eliminem simultaneamente os efeitos colaterais (leia-se: a *menorização* das Humanidades) provocados por séculos de discursos metafórico-funcionalizantes e que (3) possam, por fim, alargar os campos de visão e perspectivas das Ciências Humanas, libertando-as do *ponto cego* que as tem caracterizado e limitado desde, pelo menos, Dilthey.

Se se entender que em relação a estes dois últimos aspectos, diversas obras publicadas no emblemático ano de 1989, na Alemanha (cf. entre outros Böhme 1989 e Mittelstrass 1989), deram já resposta historicamente cabal e

socialmente convincente,¹¹ a questão ‘última’ (por assim dizer) que se coloca, tem a ver com a *bicefalia epistemológica*, constitutiva do quadro dos saberes no mundo ocidental.

E é exactamente nesse sentido que interessa terminar, destacando as teses que a este respeito Jürgen Mittelstrass deixa delineadas num ensaio de 2003, com o significativo título de «Knowledge as a Good: Science, Education, and the Commodification of Knowledge», teses essas que são posteriormente retomadas e desenvolvidas nas propostas apresentadas pelo mesmo autor, já na qualidade de presidente da *Academia Europaea*, à conferência *Europe of Knowledge 2020*, realizada na cidade de Liège, em Abril de 2004.

A sexta dessas teses, que de algum modo sintetiza todas as outras, diz (Mittelstrass: 2004: 5):

University research and teaching will only flourish under global conditions in those places where universality, transdisciplinarity, identity in plurality, and quality are assured.

No que às Humanidades se refere, importa desde logo reter que tanto a «universalidade» como a «identidade na pluralidade», estariam muito provavelmente em condições de garantir, simultaneamente, um significativo alargamento do campo de visão das Ciências Humanas e uma des-funcionalização – uma des-mercantilização – das mesmas. Quanto à proposta «transdisciplinaridade», essa poderia constituir um primeiro, mas decisivo passo, no sentido de libertar o quadro do saber ocidental do atavismo que a bicefalia epistemológica e os seus inúmeros efeitos colaterais lhe têm imposto.

Mas mais do que aos possíveis efeitos positivos que a adopção destas teses poderiam vir a ter no âmbito específico das Ciências Humanas, é sobretudo aos princípios que as regem que interessa dar o devido destaque.

Com efeito, sem abdicar do *princípio da diferenciação* – sublinhe-se na tese citada a menção à necessidade de preservar a «identidade na pluralidade» –, sem abdicar por conseguinte do princípio característico de toda a actividade científica e constitutivo das identidades disciplinares, Mittelstrass deixa no entanto bem claro que o *princípio da exclusão* (o qual reconhecidamente

¹¹ As transformações na área das Humanidades que as universidades alemãs conheceram após 1989 demonstram que as respostas dadas entre outros (cf. supra nota 7) por aqueles dois autores foram de facto consideradas convincentes, uma vez que foram em boa medida postas em prática com sucesso no espaço de língua alemã; sobre estas transformações cf. também Clara (2005); o surgimento, aliás, dos *Cultural Studies* no espaço anglo-saxónico e das *Kulturwissenschaften* no espaço de língua alemã não podem deixar de ser vistos neste contexto como respostas igualmente convincentes (e em alguns casos veementes) à situação deficitária das Humanidades em cada um daqueles espaços culturais.

mente havia presidido à lógica da fundação disciplinar das *Geisteswissenschaften* de Dilthey) deve agora ser abandonado e substituído pela «transdisciplinaridade», i.e.: pelo *princípio da inclusão*.¹²

Nas circunstâncias actuais, importa acrescentar, ‘*incluir*’ – e não ‘*excluir*’ – poderia, de facto, ser um verbo-chave. Para as Humanidades tanto quanto para a Universidade.

Bibliografia

- Aleksandrowicz, Dariusz (2002), The Humanities After 1989: Changing Social Functions and Paradigmatic Innovations. In: *Intellectuals and the Politics of the Humanities* (Collegium Budapest Workshop, series 12) Budapest (155-170) [on-line: Dez./2005; URL: <<http://viadrina.euv-frankfurt-o.de/~w3pgka/download/13aleksa.pdf>>].
- Avenarius, Richard (1888-1890), *Kritik der reinen Erfahrung*. Leipzig: Fues (2 vols.).
- Bacon, Francis (1995 [1620]), *Novum Organum. With Other Parts of The Great Instauration*. Translated and edited by Peter Urbach and John Gibson. Chicago/La Salle (Illinois): Open Court.
- Barck, Karlheinz (1996), Transforming Differences into ‘Normality’. German Unification and the Crisis of the Humanities. *Surfaces. Revue électronique publiée par Les Presses de l'Université de Montréal*. Vol. VI [on-line: Dez./2005; URL: <<http://www.pum.umontreal.ca/revues/surfaces/vol6/barck.html>>; v.1.0A – 22/12/1996].
- Benedikter, Roland (2002), 15 Zukunftsentwürfe der Geisteswissenschaften am Beginn des 21. Jahrhunderts. *Neohelicon*. Vol. XXIX / 2 (261-276).
- Blumenberg, Hans (1999 [1960]), *Paradigmen zu einer Metaphorologie*. 2. Auflage. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Böhme, Hartmut (1989), *Über das gegenwärtige Selbstbewußtsein der Geisteswissenschaften*. Oldenburg: bis [on-line: Dez./2005; URL: <<http://docserver.bis.uni-oldenburg.de/publikationen/bisverlag/unireden/ur22/urede22.html>>; última actualização: 1989].
- Clara, Fernando (2001), Paradigmen, Parasiten, Hybriden und Klone. Wissenschaft und Interdisziplinarität. In: *Erfahrung und Form: Zur kulturwissenschaftlichen Perspektivierung eines transdisziplinären Problemkomplexes*. Hrsg. v. Alfred Opatz. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier (59-78).
- Clara, Fernando (2005), Humboldt morreu? Viva Humboldt? Questões em torno da Cultura e da Conjuntura Universitária no Espaço de Língua Alemã. In: *O Colorido da Diferença: A(s) Cultura(s) de Expressão Alemã Hoje*. Isabel C. Gil e Mónica Dias (Orgs.). Lisboa: Universidade Católica Editora (17-33).

¹² Cf. no mesmo sentido e mais explicitamente a tese sete do mesmo documento (*ibid.*: 6, sublinhado meu): «A good university is shaped by both competition and *cooperation*».

- Dilthey, Wilhelm (1922 [1883]), *Einleitung in die Geisteswissenschaften. Versuch einer Grundlegung für das Studium der Gesellschaft und der Geschichte*. Leipzig/Berlin: B. G. Teubner (= *Gesammelte Schriften*, I).
- Damásio, António (1995), *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. Mem Martins: Europa-América.
- Du Bois-Reymond, Emil (1912a), Goethe und kein Ende. In der Aula der Berliner Universität am 15. Oktober 1882 gehaltene Rektoratsrede. In: *Reden von Emil du Bois-Reymond in zwei Bänden*. Zweiter Band. 2. vervollständigte Auflage, edited by Estelle du Bois-Reymond, Leipzig: Veit & Comp. (157-183).
- Du Bois-Reymond, Emil (1912b), Kulturgeschichte und Naturwissenschaft. Im Verein für wissenschaftliche Vorlesungen zu Köln am 24. März 1877 gehaltener Vortrag. In: *Reden von Emil du Bois-Reymond in zwei Bänden*. Erster Band. 2. vervollständigte Auflage, edited by Estelle du Bois-Reymond, Leipzig: Veit & Comp. (567-629).
- Eucken, Rudolph (1878), *Geschichte und Kritik der Grundbegriffe der Gegenwart*. Leipzig: Veit.
- Frühwald, Wolfgang et al. (1996 [1991]), *Geisteswissenschaften heute. Eine Denkschrift*. Von Wolfgang Frühwald, Hans Robert Jauf, Reinhart Koselleck, Jürgen Mittelstraß, Burkhard Steinwachs (2. Auflage). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Gadamer, Hans-Georg (1986 [1960]), *Gesammelte Werke*. Vol. I (= Hermeneutik I. Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. 5. Aufl., durchges. u. erw.). Tübingen: J.C.B.Mohr (Paul Siebeck).
- Gil, Fernando (1999), A Universidade e o Conhecimento. In: *Da Ideia de Universidade à Universidade de Lisboa*. Reitoria da Universidade de Lisboa, 29-30 de Novembro de 1999 [on-line: Dez./2005; URL: <<http://www.educ.fc.ul.pt/cie/seminarios/universidade/textos.htm>>].
- Gumbrecht, Hans Ulrich (2003), *Die Macht der Philologie: Über einen verborgenen Impuls im wissenschaftliche Umgang mit Texten*. Aus dem Amerikanischen von Joachim Schulte. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Gumbrecht, Hans Ulrich (2004), *Diesseits der Hermeneutik: Die Produktion von Präsenz*. Überstetzt von Joachim Schulte. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Hunter, J. Paul (1990), *Before Novels: the Cultural Contexts of Eighteenth Century English Fiction*. London/New York: W.W. Norton.
- Kuhn, Thomas S. (1977 [1971]), The Relations between History and the History of Science. In: *The Essential Tension. Selected Studies in Scientific Tradition and Change*. Chicago/London: University of Chicago Press (127-161).
- Kutschera, Franz von (1981), *Grundfragen der Erkenntnistheorie*, Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Makkreel, Rudolf A. (2003), The cognition-knowledge distinction in Kant and Dilthey and the implications for psychology and self-understanding. *Studies in History and Philosophy of Science*. 34: 149-164.

- Mittelstrass, Jürgen (1989), *Glanz und Elend der Geisteswissenschaften*. Oldenburg: bis [on-line: Dez./2005; URL: <<http://docserver.bis.uni-oldenburg.de/publikationen/bisverlag/unireden/ur27/dokument.pdf>>; última actualização: 1989].
- Mittelstrass, Jürgen (2003), Knowledge as a Good: Science, Education, and the Commodification of Knowledge. *Trames*, 2003, 7 (57/52), 4: 227–236.
- Mittelstrass, Jürgen (2004), *Profile-building and New University Structures*. In: *The Europe of Knowledge 2020 «A Vision for University Based Research and Innovation»*, Liège 25 – 28 April 2004, Parallel session number 4: «A new paradigm for relations between higher education and research». A contribution to the discussion by Professor Dr. Jürgen Mittelstrass (University of Konstanz) – President of the Academia Europaea [on-line: Dez./2005; URL: http://www.acadeuro.org/downloads/euro_of_know.pdf].
- Pfeiffer, Karl Ludwig (1994), Culture and the Humanities. Symptomatology, mostly historical, mainly german. *Surfaces*. *Revue électronique publiée par Les Presses de l'Université de Montréal*. vol. IV (1994) [on-line: Dez./2005; URL: <http://www.pum.umontreal.ca/revues/surfaces/vol4/pfeiffer.html>].
- Portmann, Adolf (1973 [1949]), *Vom Lebendigen. Versuche zu einer Wissenschaft vom Menschen*. Frankfurt: Suhrkamp.
- Siebert, Bernhard (1999), Das Leben zählt nicht. Natur- und Geisteswissenschaften bei Dilthey aus mediengeschichtlicher Sicht. In: *[me'dien]': dreizehn Vorträge zur Medienkultur*. Hrsg. v. Claus Pias. Weimar: Verlag und Datenbank für Geisteswissenschaften (161-182).
- Snow, C. P. (1993 [1959]), *The Two Cultures*. With Introduction by Stefan Collini. Cambridge: Cambridge University Press.

Resumo

Da «experiência» [*Erfahrung*] à «vivência» [*Erlebnis*]: a reformulação das Humanidades na *Introdução às Ciências Sociais e Humanas* de Dilthey. Um olhar retrospectivo sobre o momento da fundação das Humanidades. Consequências. O lugar das Ciências Humanas na Universidade actual.

Key-words: Geisteswissenschaften; Ciências Sociais e Humanas; Ciências Naturais; Humanidades, Dilthey; Universidade; Geisteswissenschaften; Human Sciences; Humanities; Natural Sciences; Dilthey; University; Geisteswissenschaften; Sciences Humaines; Sciences Naturelles; Dilthey; Université